

SCLIAR-CABRAL, L. *Sonetos*. Editora Noa Noa, Ilha de Santa Catarina, 1987. 73 p. Desenhos de Rodrigo de Haro.

Eis que Leonor Scliar-Cabral lança o seu novo livro, desta vez um livro de poemas. São trinta e três sonetos em que a Autora, de formação clássica, entretanto perfeitamente à vontade no campo do Modernismo brasileiro, tenta “resgatar o clássico na modernidade” segundo as suas próprias palavras. Entre um *Retrato*, que inicia a coletânea, e o *Adeus* que lhe constitui o fecho, mostra-nos imagens de luzes e cristais e chamas, levando-nos (por cenários ora urbanos, ora campestres ou marítimos, e sempre musicais) ao encontro de Prometeu e Ícaro e Sade e Don Juan e Otelo, pois não há limites para a sua alma apaixonada: nem no espaço nem no tempo.

A epígrafe repete Fernando Pessoa:

“Dizem que finjo ou minto
Tudo que escrevo. Não.”

Ora, se é verdade que (assim como diz Fernando Pessoa) não finge e não mente, e se me é lícito querer mergulhar no seu eu poético e daí deduzir o seu viver, o seu querer e o seu sentir, atrevo-me a afirmar que nos seus *Sonetos* Leonor Scliar-Cabral – sentindo-se embora indefesa diante dos desígnios indecifráveis dos Deuses, diante dos enganos, das falsas esperanças, das decepções, da solidão e da dor que desgastam o homem e o levam, muita vez, ao próprio desejo de vingança – tenta, por meio de lembranças e deslembranças, vencer a morte.

Consciente da efemeridade das nossas conquistas e da nossa própria vida, sabedora de que o homem sonha e se desilude e cai e morre, sente – e leva-nos a sentir – um desejo aflitivo de paz, uma ânsia de espaços infinitos e de eternidade.

Acredita na música e na beleza das cores e das formas: numa ilusão de liberdade, talvez? Suspira pelo reencontro de amores perdidos, pelo renascimento de um amor infinito que se faça imortal e que, num único instante em que se confundam passado e presente, possa dar-lhe a noção e o sentimento da eternidade.

MARIA DA GLORIA NOVAK